

---

## **MEDO, FAKE NEWS E (DES)LEGITIMAÇÃO POLÍTICA: o caso de Marielle Franco**

### ***FEAR, FAKE NEWS AND POLITICAL (DE)LEGITIMIZATION: the case of Marielle Franco***

---

**DENISE ANZORENA SIMEÃO**

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

**TARCISIO TORRES SILVA**

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

**MARIA DE FÁTIMA SILVA AMARANTE**

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

**Resumo:** Este trabalho analisa notícias falsas geradas logo após o assassinato da vereadora carioca Marielle Franco e de seu motorista Anderson Gomes em 2018. A partir da análise de manchetes de jornais e das notícias falsas em si, observamos que a tentativa de desconstrução da imagem da vereadora estava baseada em uma narrativa que semeava o medo e que se contrapunha à sua figura como representante de minorias e militante contra condutas abusivas da polícia no Rio de Janeiro. Estratégias discursivas e opções estéticas ajudaram a desconstruir e minimizar os desdobramentos do assassinato duplo, num período de tensão política e violência policial no Estado. Por trás desses discursos, observamos a articulação em torno de valores morais que estão imbricados na atual política brasileira, que criam ilusões de pertencimento ao mesmo tempo em que são excludentes e preconceituosos.

**Palavras-chave:** Marielle Franco. Fake News. Violência policial.

**Abstract:** This paper analyzes fake news generated shortly after the murder of Rio de Janeiro city councilwoman Marielle Franco and her driver Anderson Gomes in 2018. From the analysis of newspaper headlines and fake news themselves, we observed that the attempt to deconstruct the city council's image was based on a narrative of fear and that opposed his figure as a representative of minorities and a militant against police abuses in Rio de Janeiro. Discursive strategies and aesthetic options helped to deconstruct and minimize the consequences of the double murder, in a period of political tension and police violence in the state. Behind these discourses, we observe the articulation around moral values that are intertwined in the current Brazilian politics, which create illusions of belonging at the same time that they are exclusionary and prejudiced.

**Keywords:** Marielle Franco. Fake news. Police violence.

**Resumen:** Este trabajo analiza las noticias falsas generadas poco después del asesinato de la concejala de Río de Janeiro Marielle Franco y su chofer Anderson Gomes en 2018. A partir del análisis de los titulares de los periódicos y de la propia noticia falsa, observamos que el intento de deconstruir la imagen del Ayuntamiento fue basado en una política de miedo y que se oponía a su figura como representante de las minorías y militante contra los abusos policiales en Río de Janeiro. Las estrategias discursivas y las opciones estéticas ayudaron a deconstruir y minimizar las consecuencias del doble asesinato, en un período de tensión política y violencia policial en el estado. Detrás de estos discursos, observamos la articulación en torno a valores morales que se entrelazan en la actual política brasileña, que crean ilusiones de pertenencia a la par que excluyentes y prejuiciosas.

**Palabras clave:** Marielle Franco. Noticias falsas. Violencia policial.

## 1 INTRODUÇÃO

Na noite do dia 14 de março de 2018, quando começaram a circular pela plataforma *Whatsapp* informações que davam conta do assassinato da vereadora Marielle Franco (PSOL/RJ), o fato gerava perplexidade e, inclusive, desconfiança de sua veracidade, quer pela afronta à democracia que tal ato representava, quer pela violência inscrita na ação e, ainda, pelos afetos mobilizados por Marielle. Porém, nas horas que se seguiram naquela noite, foi confirmada a execução da vereadora e de seu motorista Anderson Pedro Gomes.

Os dias seguintes mostraram que a prática de *fake news* nas redes digitais que chegou a ser cogitada em relação ao anúncio do assassinato, se confirmaria em outra direção. O uso de tal recurso seria usado em sua potência para tentar diretamente matar simbolicamente tudo aquilo que Marielle Franco representava.

O tensionamento entre a gravidade de uma notícia como essa e as tentativas de minimizar seus impactos está na base de análise desse trabalho. O intuito é trazer algumas reflexões sobre este acontecimento, buscando analisar primeiramente o papel de estratégias discursivas que recorrem ao medo como legitimador de práticas disciplinares e de controle, apoiando-se na noção da perda de credibilidade por parte dos indivíduos no Estado como instituição capaz de promover sua proteção, na flexibilização das relações em todos os níveis e na insegurança, características do capitalismo pós-industrial. O segundo propósito é apontar noções acerca da verdade para pensar dispositivos de análise sobre a pós-verdade. Para tanto, partimos de um recorte que enfatiza o papel do medo nas narrativas contemporâneas e sua ligação com estratégias políticas de controle e dominação. Em seguida, selecionamos alguns elementos da grande mídia que demonstram essa estratégia que se fez no teor das matérias. Por fim, analisamos alguns dos casos mais difundidos de notícias falsas que surgiram após o assassinato de Marielle Franco.

## 2 EM BUSCA DE TERRA FIRME

O recurso do medo como forma de prevenção diante de situações de risco é uma prática que emerge desde as relações parentais até as políticas de Estado frente a perigos iminentes. Todavia, o que será tratado aqui é a amplificação, disseminação e da criação de um ambiente artificial de medo, por um lado, e da sensação de insegurança permanente numa sociedade de efemeridades, por outro.

Bem sabemos que o aumento produzido de intensidade do medo é uma ação recorrente em vários momentos da história como forma de coesão interna em uma sociedade ou segmento social. Os EUA, por exemplo, forjaram seu espírito patriótico, em grande medida, alimentando inimigos com fixação de elementos contra os quais seria necessário lutar para defender suas conquistas democráticas: comunismo, narcotráfico latino-americano, terrorismo no Oriente Médio, sempre se apoiando em sua indústria cultural, em especial o cinema, para justificar sua política externa.

Essa política de Estado, no entanto, também se volta para dentro do país, pois expressa igualmente quais segmentos privilegia representar e quais são sub-representados ou totalmente ceifados de representação. Por isso, voltando à política estadunidense como exemplo, deparamo-nos com a imagem marcada de povos originários da América do Norte como selvagens e desumanizados. Da mesma forma isso ocorreu com os negros. Caso emblemático nessa construção é o filme “O nascimento de uma nação” (1915), de D.W. Griffith, considerado um marco na história do cinema pela inovação na linguagem e pelos recursos tecnológicos, que apresenta a figura dos negros escravizados como altamente violentos e com baixo nível cognitivo.

Brian Massumi (1993) mostra que essa relação está também ligada ao enfraquecimento do Estado e à quebra das fronteiras, onde tudo se torna relativizado, inclusive a violência iminente que ultrapassa limites e se torna fluida; isso provoca a impossibilidade de reação a ameaças exteriores que não podem ser mais controladas e implica perda da função reativa na política de bem-estar social perante às forças capitalistas. Essa movimentação é observada no exercício de um “comando absoluto” e na difusão de um medo generalizado:

The virtualization of power as violence through rapid deployment is accompanied by a displacement of command. Command is depoliticized, in the sense that it is not open to negotiation through elective or administrative channels but remains fully in the "untied" hands of delegated "experts" (Bush: "I will not tie the generals' hands"). Command turns absolute and unyielding. War, crime, drugs, sexual, educational or artistic "subversion": on every front of the capitalist warfare state a rapid deployment force will enter into operation, if not officially then on a vigilante basis (MASSUMI, 1993, p. 24).<sup>1</sup>

Partindo dos exemplos americanos e apoiados na generalização de Massumi que transporta o medo para uma instância superior de controle ligada também aos meios de comunicação, é possível fazer aproximações com o Brasil. Em nosso país, o “temor” se estende para mulheres, pessoas da comunidade LGBT, imigrantes, populações das periferias urbanas, entre outros. É a disseminação de um medo que opera na violência como decorrência de um ato físico, de proteção da vida, dos bens privados, mas também como algo que pode representar a destruição de valores normativos na qual a sociedade se baseia quanto a quem é sujeito e quem pode ser objetificado, quanto a quem pode ocupar espaços entendidos como legitimamente seus. Ou ainda, atua na disputa pela oportunidade de ocupar os espaços para a venda da força de trabalho, quando essa forma passa por processos de mudança em seu padrão, tornando-se mais desgastante e incidindo ainda mais sobre o tempo de nossas vidas.

Essa ideia de um sujeito-outro está num registro do que Han (2016) chama de sociedade imunológica, na qual haveria uma violenta reação ao que é estranho. No entanto, para ele, a estranheza hoje estaria neutralizada em uma forma de consumo. Na reflexão aqui pretendida, essa permeabilidade não está ausente do horizonte. Todavia, a noção do medo não opera apenas na dialética da negatividade. Dito de outra forma, o medo pode tanto ser um instrumental reativo como paralisante, que pode levar também a uma ação de não querer sequer tomar conhecimento do outro. Ou, ainda, alimentar-se da crise de autoconfiança estimulada por uma sociedade da

<sup>1</sup> A virtualização de poder como violência através da exibição rápida é acompanhada por um deslocamento do comando. O comando é despoliticizado, no sentido de que não está aberto à negociação por meio de canais eletivos ou administrativo, mas continua nas mãos “desatadas” de “especialistas” delegados (Bush: “Eu não amarrarei as mãos dos generais”). O comando se torna absoluto e implacável. Guerra, crime, drogas, ‘subversão’ sexual, educacional ou artística: em cada frente do estado de guerra capitalista uma rápida força de implantação entrará em operação, se não oficialmente então em uma base vigilante. (Tradução nossa).

positividade que atribui resultados de sucesso ou fracasso a uma responsabilidade individual. E também, em um apagamento da diferença de forma a criar uma situação homogeneizante, tranquilizadora, que, ao mesmo tempo em que cria uma falsa ideia de harmonia, oprime no afunilamento de soluções para a subjetividade e reprime o que é adverso a essas soluções.

A sensação se potencializa em um mundo onde, segundo Beck (2010), há uma fragilização do consenso em torno da ideia de que o progresso tecnológico representaria progresso social, constituindo-se uma nova perspectiva em torno da necessidade de correr riscos como forma de promover novas oportunidades.

A instabilidade em torno das instituições, o distanciamento entre poder e Estado e a dificuldade de construção de estratégias consistentes são outras características que conferem a permanência e a introjeção do medo, como afirma Bauman:

O medo agora se estabeleceu, saturando nossas rotinas cotidianas; praticamente não precisa de outros estímulos exteriores, já que as ações que estimula, dia após dia, fornecem toda a motivação e toda a energia de que ele necessita para se reproduzir. Entre os mecanismos que buscam aproximar-se do modelo de sonhos do moto-perpétuo, a autorreprodução do emaranhado do medo e das ações inspiradas por esse sentimento está perto de reclamar uma posição de destaque (BAUMAN, 2007, p. 15).

Essa energia que o medo encontra para se reproduzir é alimentada também pela flexibilidade extrema em todos os aspectos do cotidiano. Nas relações, no trabalho, nas necessidades, nas metas. Tudo tem prazo curto, inclusive nos traços inscritos em nós, os quais valorizamos e queremos que sejam valorizados pelos outros, como coloca Sennett (2004), infligindo uma constante transitoriedade aos valores. São aspectos que contribuiriam para uma busca de alternativas que reconstituíssem uma certa ordem e solidez perdidas. Em outras palavras, teríamos a recolocação de um velho *ethos* na política e nos padrões morais e comportamentais.

### 3 A CONSTRUÇÃO DE UMA NARRATIVA

À luz destas reflexões coloca-se aqui o contexto em que se deu o assassinato da vereadora Marielle Franco em 14 de março de 2018, em meio a uma intervenção das forças militares do Exército na condução da Segurança Pública do Estado do Rio de

Janeiro. Cumpre informar que esta foi uma medida a qual a parlamentar se contrapunha, sob o argumento de que representaria um aumento da violência sobre a população mais vulnerável e estigmatizada dentro do processo de *apartheid* social na região.

Cabe salientar que o decreto presidencial foi promulgado em 16 de fevereiro de 2018, no período posterior ao Carnaval, alicerçado em denúncias de aumento da violência, e perante uma crise devida à comprovada incapacidade do Governo Federal do então presidente Michel Temer em coordenar, no parlamento, interesses capazes de aprovar uma agenda exigida por segmentos econômicos importantes do Capital e com altos índices de rejeição na população: a Reforma da Previdência. Uma possível estratégia para combater a crise poderia ser a criação de uma nova agenda para aquele momento – agenda esta que se apresenta em permanente destaque quando são realizadas pesquisas sobre as maiores preocupações dos eleitores brasileiros em que a segurança ocupa o primeiro posto.

A propagação do medo foi, então, estratégia constitutiva de declarações das autoridades governamentais, sendo corroborada pela mídia empresarial. A título de ilustração, apresenta-se, a seguir, alguns excertos, todos retirados de notícias em vídeo provenientes do grupo *Globo* de comunicação: *Jornal da Globo*: “Violência continua grande no Rio de Janeiro nesta terça-feira (13)” (13. Fev. 2018) e “Medo e a violência dominam o Rio de Janeiro nesta terça-feira (6)” (6 fev. 2018) e no *RJ2* “Violência descontrolada acaba com a festa de vários foliões no Rio” (12 fev. 2018).

Já o editorial do *Jornal O Globo*, de 02 de março de 2018, tinha como título: “O mal do preconceito em torno da intervenção. A prevenção, da raiz ideológica, contra militares leva a equívocos sobre o significado da necessária operação no Rio, executada com base na Constituição”. (O MAL, 2018).

Neste trecho da matéria “Estatística do caos: violência no Rio é a que mais aumenta”, divulgada no jornal *Gazeta Online* em 27 fev. 2018, lemos:

Trindade observa, ainda, que, mesmo em áreas nobres do Rio, a sensação de insegurança é muito grande. Ele relaciona isso a uma falta de confiança da população nas polícias Civil e Militar:

- Enquanto pesquisas mostram que, no Distrito Federal, 80% da população confiam na polícia, esse indicador, no Rio, raramente passa de 15%. (ESTATÍSTICA, 2018).

Tais exemplos, recolhidos do noticiário com base no Rio de Janeiro no mês anterior à morte de Marielle, exaltam o clima de tensão e incerteza que a ação gerava naquele momento.

Algumas questões merecem ser destacadas no terreno da abordagem discursiva. A primeira delas é um alinhamento nas chamadas com as palavras “medo”, “dominam”, “violência descontrolada”, que operam para criar efeitos de sentido de caos, de impotência e da necessidade imperativa de algo mais potente que faça frente a essa situação. De 1º de fevereiro a 14 de março, 40% das manchetes principais da capa do jornal *O Globo* foram sobre temas relacionados à segurança<sup>2</sup>.

Outro aspecto é a tentativa de desconstrução de um efeito de sentido que poderia ser desfavorável à intervenção, atuando para desconectar o momento do agora com uma memória do que representou o período do regime da ditadura civil-militar em termos de violação de direitos humanos, e conectando-a a uma memória de que apenas um segmento político sentia-se então atingido. A matriz ideológica de esquerda de hoje, os mesmos subversivos de ontem. Lembramos que Massumi (1993) já argumentava que a radiodifusão contribui para o esquecimento coletivo, ao substituir memórias individuais por memórias coletivas construídas midiaticamente:

Broadcast is a technology of collective forgetting. It is not that the event is lost. On the contrary, it is accessible for immediate recall: instant replay. Broadcast (in a widened sense, including the mass-circulation print media) is the tendential supplanting of individual memory and introspection by collective technologies of storage and screening (MASSUMI, 1993, p. 21)<sup>3</sup>.

Finalmente, há que se perguntar, ao analisar tais estratégias, quais são os cidadãos que sentem medo e quais são os que representam ameaça. Neste caso, parecem ser os foliões, turistas, cidadãos de classe média ou mesmo os que vivem em áreas nobres aqueles que precisam de proteção. No entanto, haveria que se perguntar também quem são os que mais estão morrendo no Rio de Janeiro e, conseqüentemente, quais vidas importam. E ainda: seriam para esses que o Estado estaria a oferecer a sua política de proteção?

<sup>2</sup> Levantamento próprio feito com base em pesquisa no acervo digital *on line* do jornal.

<sup>3</sup> Difusão de larga escala é uma tecnologia de esquecimento coletivo. Não é o caso de que o evento seja perdido. Ao contrário, ele está acessível para lembrança imediata: replay instantâneo. Difusão em larga escala (em um sentido ampliado, incluindo a mídia impressa de circulação em massa) é a suplantação tendencial da memória e introspecção individuais por tecnologias coletivas de armazenamento e inspeção. (Tradução nossa).

#### 4 DO LUGAR SOCIAL ESTABILIZADO NO DISCURSO

No dia seguinte ao do assassinato de Marielle Franco, as notícias falsas sobre ela começaram a viralizar nas plataformas sociais digitais. O teor das postagens, comentários e mensagens, disseminadas nas redes, explicita um lugar social que é atribuído a um sujeito atravessado pelos traços de gênero, raça, ideologia e classe que constituíam Marielle. Este lugar social é marcado pelo preconceito, pelo racismo, pela misoginia e pelo conservadorismo, como é possível verificar nos excertos a seguir. Os enunciados apresentam uma representação em que, à mulher negra, favelada, lésbica e de esquerda, não cabe outro espaço que não o do crime, o da flexibilidade moral, o da margem, o do perigo, o da objetificação, o da desconfiança.

Nesse sentido, é o discurso que grita que Marielle, ao ocupar o espaço da política, os espaços públicos urbanos e midiáticos, estava fora seu lugar. Em decorrência, propaga que, de alguma forma, ao ser assassinada, Marielle retornou ao que estava predestinada.

A nota técnica “A difusão dos boatos sobre Marielle Franco: do *Whatsapp* aos sites de notícias”<sup>4</sup>, elaborada pelo projeto *Monitor do Debate Político no Meio Digital*, informou que, entre os dias 15 e 26 de março, o volume de notícias falsas sobre Marielle no *Whatsapp* multiplicou-se 153 vezes. Na pesquisa realizada, 51% das pessoas afirmaram ter recebido as informações em grupos de família; 32%, em grupos de amigos.

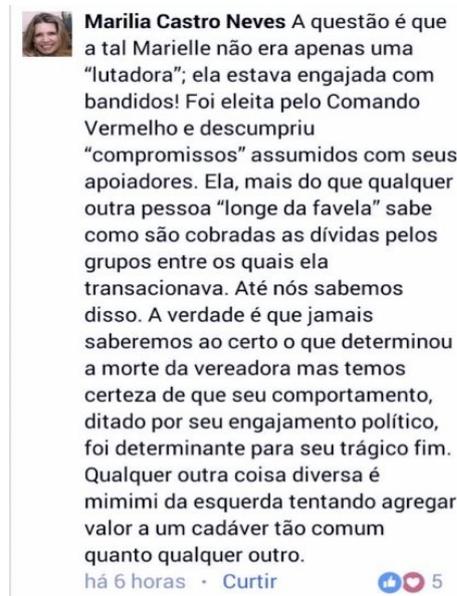
No *Facebook*, o pico da onda já havia sido atingido nos três primeiros dias. Uma das postagens mais polêmicas foi a da desembargadora que acabou sendo usada não só por páginas construídas para compartilhamentos de *fake news*, como o *Ceticismo Político*<sup>5</sup>, mas também repercutida na mídia empresarial em manchetes como: “Desembargadora diz que Marielle estava engajada com bandidos e é ‘cadáver comum’”<sup>6</sup>. Apesar de o uso das aspas e de corpo do texto expor a contrariedade manifestada por um grupo de advogados, a construção do título gera dúvida, além de ser a única informação que parcela dos leitores retém, por não ler o texto na sua integralidade.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.monitordigital.org/relatorios/nota-tecnica-2>. Acesso em 16 ago. 2019.

<sup>5</sup> <http://ceticismopolitico.com/>

<sup>6</sup> Folha de São Paulo 16/03/2018, Coluna de Mônica Bergamo.

**Figura 1** – Postagem no Facebook da Desembargadora carioca Marília Castro Neves, publicada no dia 16/03/2018.



**Fonte:** (ALENCAR, 2018).

A velocidade e a fluidez das notícias tornam as imagens também muito relevantes para a difusão de *fake news*. A foto da figura 2 (a seguir) circulou nas redes sociais identificando incorretamente as pessoas como Marielle e Marcinho VP, traficante de drogas do Rio de Janeiro<sup>7</sup>, como suposta prova de um relacionamento entre os dois. A seleção de uma foto casual sem evidência de edição ou montagem, mais os textos conectando os atores, contribuem para a sensação de veracidade da imagem.

Para além disso, a foto também resgata do arcabouço dos valores do imaginário nacional elementos que localizam o cidadão originário das comunidades periféricas, como é o caso de Marielle, como um sujeito por pressuposto suspeito por conviver com pessoas “perigosas”. Além disso, a pose do casal e as roupas da mulher contribuem para marcar lugares de “submissão” e “vulgaridade”, despertando preconceito e misoginia disfarçados de “valores morais”. Assim, a morte viria “merecida” em um cenário pintado dessa maneira.

<sup>7</sup> Preso desde 1996, Marcinho chefiou áreas de tráfico do Complexo do Alemão. Foi também condenado por crimes como homicídio qualificado, formação de quadrilha, entre outros.

**Figura 2** – Suposta foto de Marielle e Marcinho VP.



Fonte: (MARCINHO, 2018).

James Williams (2018) defende a ideia de que estamos passando por uma crise moral nas redes sociais. Isso em função do estímulo a sentimentos intensos (que causa maior engajamento entre os usuários) e também da própria economia da atenção, que faz com que pequenas recompensas e a atenção para “si” ganhem mais espaço em detrimento a valores comuns de base. Para a autor, vivemos um ultraje moral digital, que “inclui o impulso para julgar, punir e envergonhar alguém que você pensa que cruzou a linha moral”.<sup>8</sup> (WILLIAMS, 2018, p. 71). Sentidos alimentados por esse movimento são, ainda segundo o autor, a “raiva” e o “nojo”.

Nos dois exemplos observamos o afloramento desse tipo de julgamento. No primeiro caso, de forma deliberada, com o uso de palavras amargas que buscam despertar na audiência sentidos extremos. E no caso da foto, de forma sugerida, deixando para quem interpreta a complementação do julgamento.

Cabe salientar que essa prática das *fake news* não constitui uma novidade em termos históricos e midiáticos. O que a torna objeto de tanta reflexão nos dias atuais é a existência de uma indústria de notícias fabricadas para disputar consensos no terreno público, e que tem cada vez maior abrangência e rapidez por meio do que é digital. Contra isso, entidades como a *Associação Nacional de Jornais* (ANJ) e a *Federação*

<sup>8</sup> Tradução nossa. No original: “includes the impulse to judge, punish and shame someone you think has crossed a moral line”.

*Nacional dos Jornalistas* (Fenaj) levantam a importância de um fortalecimento do jornalismo, conferindo-lhe um *ethos* de verdade e responsabilidade.

Não há interesse aqui neste texto em debater o jornalismo como prática em si. Mas faz-se necessária uma abordagem sobre meios aos quais são conferidos a legitimidade desta prática.

## 5 VIOLÊNCIAS E EFEITOS DE SENTIDOS

Um dia antes de seu assassinato, Marielle Franco postou em sua conta no *Twitter*: “Mais um homicídio de um jovem que pode estar entrando para conta da PM. Matheus Melo estava saindo da igreja. Quantos mais vão precisar morrer para que essa guerra acabe?”<sup>9</sup>. A vereadora vinha realizando denúncias quanto à violência contra moradores promovida pelo Batalhão da Polícia Militar responsável pela região do Irajá, que está entre os cinco no Estado do Rio de Janeiro com maior registro de abordagens com letalidade, e o primeiro da capital carioca<sup>10</sup>.

A guerra à qual Marielle se referia dizia respeito a uma política de segurança pública cujo foco está no flagrante e no conflito armado em detrimento das ações de inteligência e de investigação. Política esta que vitima também policiais, que estão na ponta das operações, e atinge, com maior impacto, uma população que tem cor e classe social definidas. Essa noção de que a chamada ação de “guerra às drogas” é uma declaração de “guerra aos pobres” foi totalmente subtraída pelo jornal *O Globo* em sua cobertura ao caso Marielle e Anderson. A capa e mais nove páginas da edição de 16 de março de 2018 traziam o antetítulo ou chapéu<sup>11</sup> “Quantos mais vão precisar morrer?”

Tal edição se constituiu com manchetes como “Assassinato expõe traços de barbárie e ganha força simbólica contra a violência”, “Crime ultrapassa limite”, “Assassinato impõe desafio ao combate à violência”, matérias que retomam a narrativa de disseminação do medo que justificaria uma intervenção das Forças Armadas, contra a qual Marielle se manifestou.

<sup>9</sup> Disponível em: <https://twitter.com/mariellefranco/status/973568966403731456?s=20>. Acesso em: 15 set. 2020.

<sup>10</sup> Dados do Instituto de Segurança Pública do Rio de Janeiro relativos aos meses de janeiro e fevereiro de 2018.

<sup>11</sup> Jargão jornalístico.

O sentido sugerido por meio do que é dito, mas também pelo que é omitido, é de uma situação de violência que atinge a todos da mesma forma. Há uma estratégia de ressignificar “Marielle Vive!”, mote potente das manifestações populares de resistência e permanência do que ela simbolizava. Quase como uma espécie de “somos todos Marielle”, o assassinato é despolitizado e insere-se numa estatística de uma onda de violência, despolitizando inclusive o que aparece nas próprias estatísticas.

Na última década, as regiões brasileiras com maior índice de homicídios foram o Norte e o Nordeste, sendo que o Rio Grande do Norte foi o Estado com maior evolução (256,9%). No ano de 2016, foi registrado um aumento de 20% nos homicídios de jovens, e, quando identificados pela cor, entre os números de homicídios gerais, 71,5% são de negros. Entre as mulheres, de 2006 a 2016, esse tipo de morte foi superior em 71,1% para as mulheres negras em relação às demais.<sup>12</sup> Sobre este último dado, no Rio de Janeiro, das quase 400 mulheres que foram mortas em 2016, 63,7% eram pardas ou negras<sup>13</sup>. Finalmente, ao olharmos os números de mortos pela polícia em 2019, observamos que houve aumento do número de mortos pela corporação entre 2018 e 2019. Em matéria divulgada pela *Folha de São Paulo*, observamos que, tanto no Rio de Janeiro como em São Paulo, os números aumentaram. Especificamente no Rio de Janeiro, eles aumentaram progressivamente desde 2013, passando de 200 neste ano (meses de janeiro a julho) para 881 mortos pela polícia em 2019. (Fonte: ZANINI; FARIA, 2019).

## 6 A VERDADE PARA O CONSUMO

Assim, se a prática das *fake news* não constitui novidade, essa mesma afirmação vale para o tipo de mobilização de sentidos aqui apresentado pelos meios de comunicação. A questão, portanto, sem desprezar os problemas éticos que envolvem tais práticas, é pensar na relação que a sociedade contemporânea estabelece com essas estratégias discursivas.

<sup>12</sup> Dados extraídos do Atlas da Violência 2018, produzido pelo Ipea e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP).

<sup>13</sup> Dados do Instituto de Segurança Pública do Rio de Janeiro.

A pós-verdade, reconhecida como palavra do ano pelo Dicionário Oxford em 2016, vem produzindo reflexões que a deslocam para uma definição muito mais complexa do que uma forma mais refinada de designar mentira ou boatos. Não se trata também de, a partir de um sujeito multifacetado e fragmentado da pós-modernidade, operar em um registro de relativismo da verdade.

Traçando um caminho para se pensar a verdade, Dunker (2017) apresenta referências a tradições gregas, latinas e hebraicas em que a verdade se constitui no conhecimento, na oposição entre desvelamento e ilusão; na proposição, opondo uma verdade lógica a uma falsidade; e na moral, sobre o testemunho e o falso testemunho, ou seja, a mentira. A verdade pode ser compreendida a partir das tendências em torno do relativismo, em que ela está dispersa; do pragmatismo, em que há uma hierarquia constituída pela eficiência; e pelo cinismo, associado a uma transitoriedade moral. Para o autor, “a pós-verdade depende, mas não se resume a isso, porque ela acrescenta uma ruptura entre os três regimes de verdade e seus contrários” (DUNKER, 2017, p.19).

Nesse sentido, a noção de convencimento com base a argumentos racionais em um diálogo não seria mais a chave para o estabelecimento de consensos, mas sim a mobilização de afetos. De acordo com Safatle (2017, p. 135-136), “o que nos persuade não é exatamente a verdade de uma proposição, mas a correção de uma forma de vida que ganha corpo quando ajo a partir de certos critérios e admito o valor de certos modos de conduta e julgamento”.

Nesse sentido, é possível pensar que a pós-verdade entrelaça-se a um sujeito contemporâneo constituído pelo desejo; um certo tipo de desejo de se colocar para ser consumido e para consumir, definido em forma de analogia por Amarante e Andrade, como um sujeito *prêt-à-porter*:

Explorando a questão da moda *prêt-à-porter* como um traço constitutivo da identidade na sociedade contemporânea, entendemos que o consumo se encontra em harmonia com essa moda produzida, uma vez que ela se caracteriza tanto pela possibilidade de satisfazer um “desejo” concreto imediato, através da “compra” de um objeto de consumo, como também de se mostrar como uma tentativa de “individualização” do sujeito, através de um leque de opções que oferece a ele, opções essas que, segundo Lipovetsky (2005), são menos fechadas do que as oferecidas pela moda tradicional, permitindo, assim, que o sujeito se identifique (ou não) com diversos elementos que constituem uma tendência na moda, transformando-a, por assim dizer, em escolhas heterogêneas, múltiplas e, de certo modo, 'pessoais' (AMARANTE; ANDRADE, 2015, p. 75).

Seria, por conseguinte, ela mesma, a pós-verdade, uma espécie de verdade *prêt-à-porter*, no sentido da definição que foi oferecida por Oxford: circunstâncias nas quais fatos objetivos têm menos influência em moldar a opinião pública do que apelos à emoção e a crenças pessoais.

Foucault (2011) já nos informava que, segundo Quintiliano, a:

[...] retórica enquanto *tékhnē* está indexada a uma verdade – a verdade conhecida, possuída, dominada por aquele que fala –, mas não está indexada à verdade considerada do lado daquilo que é dito e, conseqüentemente, do lado daquele a quem ela é endereçada. Portanto, trata-se de uma arte que, com efeito, é capaz de mentira. (FOUCAULT, 2010, p. 349).

Seria, então o caso, de que uma ética de estetização (LIPOVETSKY; SEROY, 2013), que perpassa a contemporaneidade, tenha contribuído para a disseminação das *fake news* como prática discursiva midiática, em que se recorre a estratégias retóricas que, estetizando as linguagens, altera valores de verdade? Este é o nosso ponto de vista. Estratégias de estetização, como o uso do mote, da colagem, da paródia, da reificação, apoiadas pela facilidade da repetição, do anonimato, da rápida proliferação dos processos de mediatização, propiciam uma retórica da mentira, em que o valor estético do que se diz suplanta o seu valor de verdade. Trata-se, portanto, de um novo regime de verdade em que proliferam os que podem dizer, o que podem dizer, quando e onde podem dizer, resultando em uma prática discursiva em que o importante é dizer, é se fazer presente na arena discursiva, participante de uma coletividade que não questiona e nem mesmo se preocupa com a verdade do enunciador.

Elementos estetizantes são encontrados nos exemplos acima citados. No caso do post da desembaragora (figura 1), a desconstrução retórica da “lutadora” para uma pessoa que pagou o seu preço pelo “comportamento”, faz uso de termos que incomodam ao mesmo tempo em que ativam sentimentos de quem carrega valores similares ao da magistrada. O “mimimi” utilizado ao final traz o menosprezo de uma porta-voz cujo cargo público corrobora simbolicamente para diminuir o valor da notícia. No caso da foto (figura 2), o apelo visual está na “estética do amador” (Brasil, Migliorin, 2010) e na veracidade documental que a foto antiga descontextualizada por trazer.

De outra parte, presenciamos o afloramento de outra prática discursiva, a de tudo rotular como *fake news*, em um processo de banalização da questão da verdade e de sua produção. Nesse caso, quer-nos parecer que não é a verdade que está em jogo, mas uma batalha contra a mídia, sua demonização, em casos em que a verdade, mesmo que cientificamente comprovada, não serve a determinados interesses políticos populistas.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos, neste trabalho, a reação imediata gerada por *fake news* sobre uma personagem importante do cenário político carioca em 2018. Seu lugar de luta, resistência e representatividade de diversas minorias nela sobrepostas fizeram de Marielle Franco um símbolo da imoralidade reinante na política carioca e, ao mesmo tempo, um objeto de ataque fruto do medo que a “alteridade” representa para o cidadão comum.

O caso de Marielle mobilizou uma ampla quantidade de pessoas nas redes sociais digitais, na ação voluntária de um conjunto de advogados e também nos desmentidos na mídia corporativa que possibilitaram que o consumo das *fake news* espalhadas sobre a vereadora fosse reduzido.

Notamos que havia, previamente à morte da vereadora, uma sensação de medo generalizado que repercutia no noticiário local do Rio de Janeiro, o que poderia colaborar para tornar o cidadão mais susceptível a determinados tipos de notícias. O assassinato de Marielle e Anderson foi, por meio das *fake news*, inicialmente desconstruído, ligando os fatos ao “mais do mesmo” na banalização da violência no Estado e no levantamento de suspeitas, principalmente quanto à índole moral da vereadora.

O medo, atrelado a estratégias discursivas e à colagem de certos valores impregnados na sociedade brasileira, criaram um cenário turbulento de (des)legitimação das vítimas, que hoje vemos, superado pelo valor simbólico que o caso tomou. Ainda, indicava já naquele momento que a “moralidade” seria um dos fatores fundamentais na estratégia política que acabou por dividir o país pós-eleições de 2018. Travestida de “renovação”, a valorização da “boa política”, da “família” e da “segurança”, entre outros chavões eleitorais, tal política cria falsas ilusões de pertencimento de grupo e age com intolerância frente aos que representariam “ameaças” a esses princípios fundamentais. Como afirma Williams, “ ‘a disposição paciente e tolerante para ver o procurar o bem’ não captura o globo ocular, e portanto não vende anúncios. Mas, ‘bater obsessivamente no mal’, sim”<sup>14</sup> (WILLIAMS, 2018, p. 79-80).

Em relação ao apagamento e esquecimento ou aos das lutas de Marielle, há, com certeza, quem já esteja circulando por outras vitrines. Porém, há os que seguem resistindo na multiplicação simbólica de sua figura como política. Sempre.

<sup>14</sup> Tradução nossa. No original: “ ‘patient and forbearing disposition to see and seek the good’ does not grab eyeballs, and therefore does not sell ads. ‘Harping obsessively on the bad,’ however, does”.

## REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Kennedy. Marielle e a tal desembargadora: CNJ precisa punir Marília Castro Neves, diz blogueiro. **Conexão Jornalismo**, 19 mar. 2018. Disponível em: <http://www.conexaojornalismo.com.br/colunas/politica/geral/marielle-e-a-tal-desembargadora-cnj-precisa-punir-marilia-castro-neves,-diz-blogueiro-74-48930>. Acesso em: 10 set. 2020.
- ANDRADE, Eliane Righi de; AMARANTE, Maria de Fátima. O sujeito prêt-à-porter: consumo e construção de subjetividades na contemporaneidade. **Agália**, Santiago de Compostela, n. 112, p. 73-98, 2015.
- BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BECK, Ulrich. **Sociedade de risco**: Rumo a uma outra modernidade. Trad. Sebastião Nascimento. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.
- BRASIL, A.; MIGLIORIN, César. Biopolítica do amador: generalização de uma prática, limites de um conceito. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 20, p. 84-94, dez. 2010.
- DUNKER, Christian. Subjetividade em tempos de pós-verdade. *In*: DUNKER, Christian *et al.* (org.). **Ética e pós-verdade**. Porto Alegre: Dublinense, 2017. p. 9-41.
- ESTATÍSTICA do caos: violência no Rio é a que mais aumenta. **Gazeta on Line**, 27 fev. 2018. Disponível em: <https://www.gazetaonline.com.br/noticias/policia/2018/02/estatistica-do-caos-violencia-no-rio-e-a-que-mais-aumenta-1014120694.html>. Acesso em: 10 set. 2020.
- FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- LIPOVETSKY, G.; SERROY, J. **A estetização do mundo**: viver na era do capitalismo artista. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- MARCINHO VP e Marielle: a verdade sobre esse boato. *Veja*, 18 mar. 2018. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/me-engana-que-eu-posto/marcinho-vp-e-marielle-a-verdade-sobre-esse-boato>. Acesso em: 10 set. 2020.
- MASSUMI, Brian. **The Politics of Everyday Fear**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1993.
- O MAL do preconceito em torno da intervenção. **Jornal O Globo**, 02 mar. 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/opiniaio/o-mal-do-preconceito-em-torno-da-intervencao-22447907>. Acesso em: 10 set. 2020.
- SAFATLE, Vladimir. É racional parar de argumentar. *In*: DUNKER, Christian *et al.* (org.). **Ética e pós-verdade**. Porto Alegre: Dublinense, 2017. p. 125-136.
- SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter**: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Trad. Marcos Santarrita. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

WILLIAMS, James. **Stand out of our light**: freedom and resistance in the attention economy. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.

ZANINI, Fábio; FARIA, Flávia. Violência policial e desmate avançam na esteira de declarações de Bolsonaro. **Folha de S. Paulo**, 09 ago 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/08/violencia-policial-e-desmate-avancam-na-esteira-de-declaracoes-de-bolsonaro.shtml>. Acesso em: 09 ago. 2019.

---

## **SOBRE OS AUTORES**

### **Denise Anzorena Simeão**

Graduação em Comunicação Social - Jornalismo pela UFRGS. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Linguagens, Mídia e Arte da PUC-Campinas. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Mídias alternativas, midiativismo, redes sociais, feminismo e ciência política.

**E-mail:** [denisesimeao@uol.com.br](mailto:denisesimeao@uol.com.br)

**Orcid:** <http://orcid.org/0000-0001-7819-8705>

**Lattes:** <http://lattes.cnpq.br/6560344616574777>

### **Tarcisio Torres Silva**

Professor pesquisador da PUC-Campinas. Docente do programa de pós-graduação em Linguagens, Mídia e Arte. Doutor em Artes Visuais pela Unicamp, com estágio no departamento de Estudos Culturais, Goldsmiths College, Universidade de Londres. Mestre em Artes (Unicamp), bacharel em Ciências Sociais (USP) e Publicidade e Propaganda (ESPM).

**E-mail:** [tartorres@gmail.com](mailto:tartorres@gmail.com)

**Orcid:** <https://orcid.org/0000-0001-9347-7585>

**Lattes:** <http://lattes.cnpq.br/3425631891607984>

### **Maria de Fátima Silva Amarante**

Pós-doutora e doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas. Mestre em Letras e Licenciada em Português-Inglês pela PUC-Campinas. Foi professora permanente do Programa de Pós-Graduação - Mestrado, Linguagens, Mídia e Arte da PUC-Campinas.

**E-mail:** [fatimaamarante@uol.com.br](mailto:fatimaamarante@uol.com.br)

**Orcid:** <http://orcid.org/0000-0003-2787-9003>

**Lattes:** <http://lattes.cnpq.br/8898720522857304>

## **COMO CITAR ESTE ARTIGO**

SIMEÃO, Denise Anzorena; SILVA, Tarcisio Torres; AMARANTE, Maria de Fátima Silva. Medo, *fake news* e (des)legitimação política: o caso de Marielle Franco. **Passagens**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, v. 11, n. 2, p. 193-210, jul./dez. 2020.

**RECEBIDO EM:** 17/11/2020

**ACEITO EM:** 13/12/2020